

CLARISSA DE FRANCO (ORG.)

BÁRBARA TANCETTI • CARLOS AUGUSTO SERBENA • DURVAL LUIZ
DE FARIA • GUSTAVO PONTELO SANTOS • JESSIANE KELLY
NASCIMENTO DE BRITO • LUNA PEREIRA GIMENEZ • RAUL ALVES
BARRETO LIMA • STELLA DA SILVA C. NUNES DA ROSA • VICENTE
BARON MUSSI - & - PREFÁCIO DE LUCIANA MARTINS



PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

CLARISSA DE FRANCO (ORG.)

BÁRBARA TANCETTI • CARLOS AUGUSTO SERBENA • DURVAL LUIZ
DE FARIA • GUSTAVO PONTELO SANTOS • JESSIANE KELLY
NASCIMENTO DE BRITO • LUNA PEREIRA GIMENEZ • RAUL ALVES
BARRETO LIMA • STELLA DA SILVA C. NUNES DA ROSA • VICENTE
BARON MUSSI - & - PREFÁCIO DE LUCIANA MARTINS



PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Psicologia pós-junguiana e debates contemporâneos de gênero e sexualidade

Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Clarissa De Franco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 Psicologia pós-junguiana e debates contemporâneos de gênero e sexualidade / Organizadora Clarissa De Franco. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0214-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.145220206>

1. Psicologia junguiana. 2. Identidade de gênero. 3. Sexualidade. I. Franco, Clarissa De (Organizadora). II. Título.

CDD 150.1954

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



PRÓLOGO

Luciana Martins Dias e Silva

Minha mãe me contou que quando eu nasci, meu pai teceu um casaquinho de tricô pra mim. Cresci vendo meu pai tecer, bordar, costurar, cozinhar. Ele era militar, tenente da aeronáutica e médico cirurgião ortopedista. Também vi minha mãe, professora e geógrafa, se envolver com política, discursar em palanques, beber e debater em botecos. Invariavelmente bem vestida, num estilo clássico, de saia, batom, salto alto e unhas impecáveis. Eu sempre achei tudo lindo, até tentava imitar, mas só consegui mesmo me identificar com o lado da política e dos botecos por parte de mãe, e com o lado dos artesanatos e da culinária, por parte de pai.

Disse minha mãe que sempre quis ter uma menina. E que quando eu, sua primeira e tão esperada filha nasci, ela me comprou os vestidos mais lindos, bordados, super tendências fashion da moda bebê 1976. Mas que, para sua decepção, eu gostava mesmo era de usar conjuntinhos de shorts e camisetas, de beber a água com sabão suja que saía do cano da minha banheirinha e de rolar na lama.

De lá pra cá, tenho gostado mais de beber cerveja e vinho do que água de banheira, mas pouco mudei em termos de estilo. Gosto mais de shorts do que de vestidos e babados. Tenho horror a manicure e fui um verdadeiro fracasso nas poucas tentativas de fazer aulas de balé. Devido a esse meu jeitinho delicado, passei a vida toda ouvindo de terapeutas, homens e mulheres, das mais variadas abordagens, especialmente as junguianas, que deveria ser mais feminina, agir de modo mais feminino, falar de modo mais feminino, me vestir de um jeito mais feminino. Espiritualistas me disseram que eu precisava usar mais saias para que minhas ciganas e pombagiras pudessem se manifestar. E que eu precisava me conectar ao feminino sagrado, para que a energia da Deusa pudesse se expressar.

Logo eu, que tenho Sol em Escorpião, Lua em Áries e Ascendente em Capricórnio. Fui estudar astrologia e descobri que tenho a força de Marte triplicada. Sol e Lua regidos por Marte e um ascendente que exalta Marte. E que Marte é meu almútem, senhor do meu destino. Não é à toa que sempre fui briguenta e cheia de opinião. Mas tem aquela história, que diz que os homens são de Marte e as mulheres são de Vênus, né? Pois eu era uma mulher de Marte. E agora, como ia fazer para que a deusa, a cigana e a pombagira se manifestassem? Parecia que nem os astros estavam a fim de colaborar para a expressão do meu feminino. Estaria a Deusa contra mim?

Por muito tempo me senti completamente inadequada, pouco feminina. Num primeiro contato com a psicologia junguiana, fiquei sabendo que era uma mulher possuída pelo animus. Isso me caía como um xingamento. E eu pensava, aí, menina, não vai ter jeito...

Depois de muita terapia, e de terapia para ressignificar o que me foi dito em outras terapias, me envolvi um pouco mais com os estudos de gênero, em uma pós em Sociologia, e um novo universo de entendimento e possibilidades se abriu. Mas sentia falta de ver mais destes estudos dentro da psicologia junguiana, da qual sempre gostei mas pela qual nem sempre me senti muito compreendida. E é por isso que, com alívio e prazer, me deparo com este livro, trazendo desconstruções e revisões de conceitos de gênero e sexualidade dentro da psicologia analítica. É claro que todo o trabalho de Jung e dos junguianos merece reverência, isso para mim nem está em questão, até porque tem o que Jung disse e o que foi mal interpretado, mal entendido ou distorcido a respeito do que ele disse. Mas o fato é que o mundo mudou bastante desde o século XIX e é bom poder respirar um pouco de ar renovado e não binário nestas paragens.

Que bom poder pensar sobre o feminismo decolonial e olhar para o racismo, o sexismo, à luz da teoria dos complexos culturais. Que alegria poder trazer bell hooks, a interseccionalidade e o feminismo negro ao universo junguiano, visto que entre as coisas que sempre me incomodaram no mundo junguiano estavam justamente algumas generalizações, e imposições de visões coloniais de certos grupos hegemônicos como conceitos neutros e universais. Falo isso daqui do meu lugar de mulher branca cis hetero de classe média. Salve hooks e sua visão feminista que aponta para a possibilidade de diversidade entre as mulheres (e homens) e de tolerância com o diferente.

Que importante um novo olhar para novas possibilidades de construção de identidade e performance de gênero, como outra forma de entender o que é masculino e feminino, desconstruindo uma lógica binária, conservadora que muitas vezes se impõe ainda que sub-repticiamente, gerando sintomas como homofobia e medo do feminino, sustentando uma forma de controle sobre os corpos, e uma norma patriarcal e capitalista, no momento de lidar com a subjetividade humana e suas múltiplas possibilidades de expressão.

Necessário poder ver a sexualidade humana como algo não linear, assim como a individuação, entendendo que por isso não pode ser explicada em termos desenvolvimentistas, como muitas vezes a psicologia analítica clássica tenta fazer em relação a homossexualidade. E buscar o desenvolvimento, sim, de um olhar que produza fissuras na heteronormatividade, dialogando com as exigências da fantasia, rompendo com a dinâmica da opressão que leva a reprodução de uma homofobia internalizada, que impede a livre circulação de Eros pelo mundo, ao invés de empurrá-lo definitivamente para fora dos armários.

E que poderoso ter uma visão que também dialogue com a sombra homofóbica, pessoal e coletiva, conduzindo à conscientização, ao reconhecimento do que foi rejeitado e reprimido, buscando integração, entendendo o discurso homofóbico no contexto de uma sociedade heteronormativa e machista. Entender que demonizar a homofobia nos impede de reconhecê-la também em nós mesmos. Levantar bandeiras nos impede de reconhecer

que pode existir dentro de nós mesmos aquilo contra o que lutamos. Afinal, aquele que exclui também pode morar, oculto, dentro de nós, e só através da integração desta parte sombria pode ocorrer a real inclusão do outro.

Finalizando, que delícia ler a respeito da psique andrógina, bissexualidade universal e sobre animus e anima enquanto arquétipos da alteridade, vistos não como opostos, mas como energias diferentes, desfazendo a noção de falta, dependência e simbiose na perspectiva de união e fusão. Ou sobre a persona, vista sob a ótica transgressora de gênero, esteticamente disruptiva, incômoda e não binária. Sobre LGBTfobia como um complexo cultural autônomo que aciona conteúdos incômodos para a coletividade, e entender como o uso inadequado e superficial da teoria junguiana, sem as devidas revisões, pode reforçar complexos culturais, como a LGBTfobia nos círculos sagrados de mulheres ou homens.

E que bela e poética compreensão por meio da imaginação encarnada, aproximando a primeira academia de mulheres, representada por Safo, a poetisa de Lesbos e as iniciativas de defesa do direito à vivência do amor homoafetivo de mulheres lésbicas, assim como ao seu direito de pertencimento a grupos ligados aos Círculos Sagrados de Mulheres e também coletivos que associam autoconhecimento e espiritualidade.

Confesso que me senti contemplada quando, ao final do livro, encontrei ressonâncias para muitos dos meus incômodos em relação ao sagrado feminino. Nada contra, mas é que me sinto frustrada por nunca ter conseguido plantar a lua, visto que menstruava a cada seis meses e hoje tomo anticoncepcionais de uso contínuo devido a um tratamento de ovário policístico. Pensei sobre como realmente é importante e urgente discutir a simplificação dos conceitos da teoria junguiana, devido a sua popularização nos meios esotéricos. A perspectiva do sagrado não binário e o potencial da psique andrógina para construções e vivências livres de gênero e sexualidade me parecem respostas para muitos dos questionamentos que venho carregando há tempos. A referência a Oxumaré, orixá sempre presente em muitos dos meus conteúdos oníricos, como representante da diversidade, androginia e não binariedade me fez terminar esta leitura de alma leve. Arrobooi!



Luciana é psicóloga clínica de abordagem junguiana com olhar transdisciplinar, com 18 anos de experiência em consultório. No momento, está iniciando uma nova formação em análise bioenergética, por acreditar na importância de um corpo consciente e vibrante para uma completa saúde mental e emocional. Ex jornalista, é também astróloga, taróloga, terapeuta floral, reikiana, buscadora espiritual e entusiasta das pesquisas sobre psicodélicos e saúde mental. Apaixonada pela cultura védica, pratica yoga, estuda vedanta, sânscrito e mantras e é tutora de um fox paulispinscher chamado Raul.

APRESENTAÇÃO

Clarissa De Franco

É com imensa alegria que realizo a apresentação desta obra. Logo de partida, agradeço pelas parcerias e contribuições que aqui se estabeleceram, em torno de uma temática tão central nos debates contemporâneos: as revisões e desconstruções dos conceitos de gênero e sexualidade e como tais revisões têm impactado o campo de estudos da Psicologia Analítica ou Junguiana. Agradeço nominalmente às autoras Bárbara Tancetti, Luna Pereira Gimenez, Jessiane Kelly Nascimento de Brito, Stella da Silva Carvalho Nunes da Rosa, e aos autores Carlos Augusto Serbena, Durval Luiz de Faria, Gustavo Pontelo Santos, Raul Alves Barreto Lima e Vicente Baron Mussi, ao lado de quem tive a honra de construir este livro, além da autora Luciana Martins Dias e Silva, que gentilmente nos concedeu seu olhar no prólogo da obra.

As teorias junguianas, diante do debate social e político, são constantemente acusadas de pouco envolvimento. Embora tal cenário esteja se modificando, é importante considerar que o engajamento da área com as temáticas públicas esteve desde Jung envolta em névoas de desconfianças, em função do possível apoio de Jung ao nazismo em um determinado momento da história. Não é nossa tarefa adentrar este debate, tampouco tenho alguma preocupação em defender ou acusar o ser humano Jung. Sua obra fala por si e claramente ela demonstra preocupações coletivas, uma vez que ao postular o inconsciente coletivo, Jung vasculhou e reconheceu a diversidade cultural presente no mundo. Mas ele, como muitos e muitas de seu tempo, padeceu das problemáticas de sua época. Esperamos que ele tenha integrado suas sombras a tempo de contemplar seus erros e reorientar sua consciência.

Junta-se a isso a crítica – que merece nossa atenção – de que a visão clássica de Jung sobre animus e anima teria fornecido subsídios para um reforço aos binarismos de gênero. E provavelmente forneceu. Ressaltamos quanto a isso, dois pontos. O primeiro é que qualquer autor, autora ou autore que tenha vivido e morrido antes da segunda onda feminista ou bem no início dela – como é caso de Jung, que faleceu 1961 – perdeu os debates que trouxeram a concepção de gênero como construção social e de gênero, sexo e sexualidade como conceitos distintos. A noção de orientação sexual e identidade de gênero se popularizou na década de 1990, já na terceira onda dos movimentos feministas. O que quer dizer que a falta de repertório nesse debate é uma questão temporal e não de posicionamento político.

O segundo ponto que quero destacar quanto a isso é que as boas teorias são vivas, permitem ampliações, recriações, reformulações, fornecendo pontos de partida e não de chegada e são possíveis de serem adaptadas às transformações sociais. Para tal tarefa,

estão em processo os trabalhos de pós-junguianas/os/es. Eis a nossa proposta nesse livro: revisar criticamente as teorias junguianas, trazendo novos olhares, sínteses e contribuições, diante do que é possível nossa consciência integrar a partir dos aprendizados culturais contemporâneos. A única vantagem que temos em relação aos nossos e às nossas ancestrais é ter a possibilidade de intervir no debate atual enquanto ele ocorre. Assim, quando as próximas gerações mirarem nosso esforço hercúleo em sair dos binarismos de gênero, creio que pareceremos para elas talvez primárias/os, neandertais do debate. Mas teremos feito um pedacinho da história.

Para compor tal retalho da história, contamos nesse livro com algumas pesquisas, entre elas, a das psicólogas e mestras **Bárbara Tancetti e Luna Pereira Gimenez**: *Feminismos pós-junguianos: revisões das teorias clássicas e novos despontes*, que abre o livro com um panorama histórico dos feminismos, incluindo suas subdivisões contemporâneas e os principais debates acerca dos essencialismos de gênero e de como a visão patriarcal incidiu sobre a pressupostos junguianos. Revisando a teoria junguiana da contrassexualidade e os conceitos clássicos sobre feminino e masculino, anima e animus, Bárbara e Luna aportam diálogos fundamentais com autoras/es como Susan Rowland, David Stacey, Ricki Stefanie Tannen, Qualls-Cobert, Andrew Samuels, James Hillman, entre outras/os/es, de forma a reorientar o olhar analítico para uma compreensão não naturalizada, não essencialista de gênero, que reconheça as diferenças e recomponha o campo imaginal sobre a feminilidade e as mulheres.

O trabalho do psicólogo e doutorando **Raul Alves Barreto Lima** e do psicólogo e professor doutor do Núcleo de Estudos Junguianos da PUC/SP **Durval Luiz Faria de Souza**, *Psicologia Analítica, gênero e feminismo: o sexismo como complexo cultural*, também visita a psicologia das mulheres, indicando os preconceitos e confusões conceituais ocorridos no imaginário social e nas teorias junguianas quando se atribui às mulheres uma ausência de objetividade, por conta da não identificação com o masculino arquetípico ligado ao Logos, tratado como um aspecto inconsciente e não trabalhado psicologicamente nas mulheres. Raul e Durval evocam o complexo cultural para abordar os problemas sociais e psicológicos envolvidos na visão patriarcal e sexista que atribui às mulheres a noção de “emocionais”. Os autores apontam a interdependência do psicológico e do político, a partir das considerações de Andrew Samuels, de forma a considerar uma revisão ao caráter de literalidade atribuído aos mitos das deusas e, portanto, à psicologia das mulheres. Assim, os essencialismos podem ser substituídos pela compreensão psicopolítica de gênero.

No texto: *Autoconhecimento e feminismo: uma perspectiva junguiana sobre O feminismo é para todos, de bell hooks*, a psicóloga **Jessiane Kelly Nascimento de Brito** discute alguns aspectos do feminismo que desembocam em atitudes “anti-homem”, e acabam por manifestar tendências de movimentos de massa que não integram a sombra coletiva à psique individual. Nesse sentido, a partir do entrelaçamento com apontamentos

de bell hooks e de Marie Louise von Franz e Jung, Jessiane indica a importante e necessária tarefa das mulheres confrontarem seu próprio sexismo e patriarcalismo introjetados em suas psiques.

Já o quarto artigo: *O medo do feminino na homofobia: Uma investigação sobre o discurso homofóbico e sua relação com a visão de gênero dentro da sociedade patriarcal*, da psicóloga **Stella da Silva Carvalho Nunes da Rosa**, do psicólogo e professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná **Carlos Augusto Serbena** e do psicólogo e mestre **Vicente Baron Mussi** abre caminhos para pensarmos na questão da homofobia. O texto apresenta análises de pesquisa realizada com homens, apontando que quase a metade do grupo investigado apresentou posturas classificadas como “intolerantes” em relação a questões de gênero. As análises indicam a reprodução de estereótipos, o que se relaciona com a projeção de aspectos não reconhecidos e não integrados da sombra, além de apontar que grupos que pregam a separação entre gêneros possuem uma grande rigidez psíquica e são tomados pela falta de racionalidade, devido à ausência do Pai arquetípico, mas ainda o evocam para tentar justificar seus posicionamentos, atuando por vezes de forma ambígua com atitudes reativas e emocionais, de forma que o feminino negativo é negado e relegado ao inconsciente. Segundo a autora e os autores, o medo do feminino e a homofobia surgem, portanto, como um sintoma da angústia diante de uma masculinidade provocada a ser reconstruída.

O texto: *Inspirações das “mulheres de Lesbos”*: a imaginação encarnada na defesa de direitos humanos de mulheres lésbicas nos círculos sagrados, da psicóloga e professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de **Clarissa De Franco** (eu, mesma!), compõe o quinto artigo desta obra e aborda algumas iniciativas de defesa do direito à vivência do amor homoafetivo de mulheres lésbicas e direito à sua pertença em grupos ligados aos Círculos Sagrados de Mulheres e também coletivos que associam autoconhecimento e espiritualidade. O trabalho foi conduzido tendo como base a metodologia junguiana, que trabalha com a compreensão dos fenômenos por meio dos símbolos que emergem e também da imaginação encarnada, que, em português, costuma ser chamada de imaginação ativa, mas por opção política, o termo do espanhol “imaginación encarnada” foi escolhido. O artigo traz como inspiração as “mulheres de Lesbos” e a poesia de Safo para amarrar tais iniciativas, a despeito de também reconhecer os estigmas e preconceitos que ainda são produzidos e mantidos em alguns destes espaços.

O psicólogo e mestre **Gustavo Pontelo Santos** nos brinda com o poético e corajoso texto: *Eros no armário: notas analíticas sobre a experiência gay*, que lança os inquietantes questionamentos – em primeira pessoa – sobre de que maneira os sujeitos LGBTQIA+, fantasiam e são fantasiados e de que maneira o mundo interior poderia estar vinculado a um mundo exterior que o nega. Tais questionamentos escancaram o quanto a cisheteronorma

está calcada na experiência e no modelo patriarcal. Utilizando a metáfora do armário, Gustavo indica que o armário seria uma metáfora para as tensões da ocultação/revelação da experiência gay, à qual está ligado, no entanto, em função da repressão moral e social. O mito de Eros e Psiquê é trazido como exemplo para identificar o momento em que o “Amor é revelado para a Alma que o julga monstruoso, é ferido por ela, ira-se e precisa de tempo para se curar. Eros se vê fora de seu armário, revelado pelo desenrolar das fantasias sobre sua identidade.” Gustavo conclui, indicando que “é preciso que Eros circule no mundo, fora dos armários e que, portanto, nós os derrubemos. Não se trata aqui apenas do direito ao amor, mas antes do direito de existir”.

Novamente o professor doutor **Carlos Augusto Serbena** e o psicólogo e mestre **Vicente Baron Mussi**, nos oferecem seu olhar em: *Homofobia e repressão do feminino: algumas contribuições da Psicologia Analítica*. O texto aponta que a cura da sombra ligada à homofobia passa, para além do reconhecimento daquilo a que se reprimiu, também pelo Eros, ou seja, pelo estabelecimento de vínculos. Estabelecendo diálogo com James Hillman, os autores indicam é preciso descobrir a capacidade de amar personagens desagradáveis em si mesmo a partir de uma postura que se esvazia da pretensão de virtude diante de atitudes homofóbicas de outras pessoas e responsabiliza-se pela inclusão destas pessoas, admitindo que a sombra da homofobia acompanha outras sombras como a da exclusão e solidão.

Fechando a obra, a psicóloga e professora doutora do Programa de Ciências da Religião da UMESP **Clarissa De Franco** (esta mesma que vos escreve), no texto: *Decolonialidade do saber nas teorias junguianas para o debate de gênero: imagens arquetípicas de um sagrado não-binário como caminho de elaboração do complexo cultural da LGBTfobia*, realiza uma interlocução entre as teorias pós-junguianas, os estudos de gênero e as teorias decoloniais. A proposta do texto parte da perspectiva de decolonizar a área, construindo novas narrativas para o debate de gênero no contexto das análises junguianas. Clarissa passa por revisões dos conceitos de animus e anima e breve análise do papel da persona diante das construções identitárias LGBTQIA+, discussão da LGBTfobia nos círculos sagrados de homens e mulheres e apresentação do conceito de sagrado não binário, articulando tal conceito com a ideia de psique andrógina e finaliza o texto com imagens não binárias, intersexo, e não tradicionais de gênero e sexualidade, que podem auxiliar na construção de repertórios simbólicos para imagens arquetípicas da não binaridade.

Esperamos, com a proposta desta obra, ampliar os caminhos de debate para o campo das teorias junguianas e seu aspecto de análises sociopolíticas, em especial no que tange à temática de gênero, sexualidade e afetividade. Nosso desejo é que Eros possa desvelar-se nu e que encontre acolhida nesse reconhecer a si e ao(à) outro(a).

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

FEMINISMOS PÓS-JUNGUIANOS: REVISÕES DAS TEORIAS CLÁSSICAS E NOVOS DESPONTES

Bárbara Tancetti

Luna Pereira Gimenez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202061>

CAPÍTULO 2..... 16

PSICOLOGIA ANALÍTICA, GÊNERO E FEMINISMO: O SEXISMO COMO COMPLEXO CULTURAL

Raul Alves Barreto Lima

Durval Luiz de Faria

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202062>

CAPÍTULO 3..... 36

AUTOCONHECIMENTO E FEMINISMO: UMA PERSPECTIVA JUNGUIANA SOBRE O *FEMINISMO É PARA TODOS*, DE BELL HOOKS

Jessiane Kelly Nascimento de Brito

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202063>

CAPÍTULO 4..... 47

O MEDO DO FEMININO NA HOMOFOBIA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O DISCURSO HOMOFÓBICO E SUA RELAÇÃO COM A VISÃO DE GÊNERO DENTRO DA SOCIEDADE PATRIARCAL

Stella da Silva Carvalho Nunes da Rosa

Carlos Augusto Serbena

Vicente Baron Mussi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202064>

CAPÍTULO 5..... 66

INSPIRAÇÕES DAS “MULHERES DE LESBOS”: A IMAGINAÇÃO ENCARNADA NA DEFESA DE DIREITOS HUMANOS DE MULHERES LÉSBICAS NOS CÍRCULOS SAGRADOS

Clarissa De Franco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202065>

CAPÍTULO 6..... 82

EROS NO ARMÁRIO: NOTAS ANALÍTICAS SOBRE A EXPERIÊNCIA GAY

Gustavo Pontelo Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202066>

CAPÍTULO 7.....	95
HOMOFOBIA E REPRESSÃO DO FEMININO: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA ANALÍTICA	
Vicente Baron Mussi Carlos Augusto Serbena	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202067	
CAPÍTULO 8.....	115
DECOLONIALIDADE DO SABER NAS TEORIAS JUNGUIANAS PARA O DEBATE DE GÊNERO: IMAGENS ARQUETÍPICAS DE UM SAGRADO NÃO-BINÁRIO COMO CAMINHO DE ELABORAÇÃO DO COMPLEXO CULTURAL DA LGBTFOBIA ¹	
Clarissa De Franco	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202068	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	145
SOBRE OS AUTORES E AUTORAS.....	146

EROS NO ARMÁRIO: NOTAS ANALÍTICAS SOBRE A EXPERIÊNCIA GAY

Gustavo Pontelo Santos

“é claro que tenho medo, porque a transformação do silêncio em linguagem e ação é um ato de revelação individual, algo que parece estar sempre carregado de perigo” (Audre Lorde, 1977/2019, p. 51).

Em um país onde conquistamos muitos dos direitos reivindicados, ainda que quase sempre pela obrigação judicial, torna-se mais sutil perceber o silenciamento do cotidiano, esse que é perverso por sua ocultação. Mas ele está aí, construindo paredes em torno de mim. Sinto-o quando não posso falar como minha língua quer falar, quando não posso vestir sem escandalizar ou tocar alguém do mesmo gênero sem agitar certa tensão. Minhas preferências, meu dialeto, tom de voz, jeito de andar e minhas fantasias relacionais – tudo isso diz e, por dizer, é silenciado. Sou gay, bicha, algo que, como veremos, será revelado de uma maneira ou de outra.

Se o campo da fantasia que nos constitui é silenciado, podemos ter a dimensão do que significa a violência que nos é imposta. Ora, a fantasia é, como asseverou Jung, “a atividade criadora que procura uma resposta para todas as indagações contestáveis, a mãe de todas as possibilidades, na qual se encontram

vitalmente vinculados, como todos os extremos psicológicos, tanto o mundo interior como o exterior” (1976, p. 81). É o fazer substancial da psique; aquilo que, ainda segundo Jung, cria diariamente a realidade. De que maneira nós, sujeitos LGBT+, fantasiemos e somos fantasiados? De que maneira está vinculado nosso mundo interior a um mundo exterior que o nega?

Se temos a mãe de todas as possibilidades, não temos pai que as autorize. É por não ter lugar nessa realidade patriarcal, cisheteronormativa e eurocêntrica que criamos guetos e noites para exercer a fantasia: bairros, porões, *ballrooms*, paradas. Embora sejam importantes para nossa proteção e fortalecimento, não queremos estar nos guetos, tampouco integrados à coletividade cisheteronormativa, mas em uma revolução da lógica de integração pela assimilação. Ainda assim, mesmo no universo acadêmico, em especial no nicho relacionado à Psicologia Analítica, seguimos noturnos, no mundo subterrâneo que é o lugar dos mortos, no inconsciente próprio da produção de saber. Uma vez que nosso campo se despreocupa em abrir espaços para que nós falemos, ele tem sido, pela própria ausência que produz, o espaço apertado do silenciamento. É sobre disputar esse terreno epistêmico, bem como revelar experiências relacionadas à socialização

enquanto pessoas gays, que este capítulo se trata.

O ARMÁRIO ERÓTICO E SUA PROBLEMÁTICA

Quando aponto para o silenciamento, revelo um exercício de poder sutil que tem sua origem no dispositivo de regulação da existência LGBT+ cuja imagem já é bastante conhecida: o armário. Essa estrutura metafórica é um fenômeno coletivo que, na qualidade de fantasioso, impacta a produção de conhecimento sobre si e sobre o mundo. Nesse sentido, Eve Sedgwick (2007) bem qualificou a coletividade moderna como produtora e consumidora de uma epistemologia do armário.

Sedgwick (2007) nota que, embora os protestos de Stonewall tenham revigorado em muitas pessoas o sentimento de potência e a promessa de uma revolução da autorrevelação gay, a dimensão da saída-do-armário permaneceu intacta e, na verdade, acentuou em atenção e gozo a descoberta de cada drama gay. Cinquenta anos depois, o armário permanece como estruturante das experiências homossexuais, tanto em uma dimensão vertical quanto horizontal – como veremos adiante –, mesmo para aqueles afortunados o bastante para ter o apoio de suas comunidades imediatas.

O que a lógica deste dispositivo pressupõe não é apenas que algo oculto seja revelado, mas que esta revelação, por sua vez, volte a ser oculta – seja pelo fato de que a homossexualidade não é uma característica física e aparente em princípio, seja pela negação desta informação social pelo ouvinte que a discrimina, ou ainda para que este ouvinte escolha como e quando revelar a pessoa gay para seus pares, assumindo a narrativa que é originalmente dela.

Este último caso se dá quando pessoas revelam entre si suas próprias fantasias em relação àquela identidade, transmitindo-as pelo silenciamento da narrativa original e garantindo que elas sejam perpetuadas com a próxima pessoa. É quando a identidade gay assume o tom de um boato, cuja intenção não é apenas revelar, mas recobrir de um desenrolar fantasioso o segredo aberto – fato que, como ensinou Jung (2011), deve ser analisado mais pelos seus efeitos do que pelas motivações conscientes. Assim, o segredo age como

a prática subjetiva na qual as oposições privado/público, dentro/fora, sujeito/objeto são estabelecidas, e a santidade do primeiro termo permanece inviolada. E o fenômeno do “segredo aberto” não produz, como se poderia pensar, o colapso desses binarismos e de seus efeitos ideológicos, mas, ao contrário, atesta sua recuperação fantasmática (Miller, citado por Sedgwick, 2007, p. 21).

O armário é, deste modo, essa estrutura que recupera na experiência gay as tensões da ocultação/revelação, algo que nos provoca no nível emocional. Sedgwick

(2007) acertadamente utilizou da imagem mítica de Ester – que na Bíblia se revela judia para o rei Assuero – como uma ferramenta de análise do aparecimento dessa díade. Para enriquecer os sentidos mais amplos e transpessoais das vivências de cada pessoa gay, é preciso ainda observar as variações culturais desse tema, criando outras analogias parciais que não são uma afirmação direta sobre as singularidades, mas um “como se fosse assim”. Nesse caso, os paralelos com produções da cultura tornam-se um método que possibilita que o tema entre novamente em movimento (Melo, 2019).

Por isso, uma vez que se trata aqui da revelação de nossa identidade efetivamente erótica, torna-se relevante mencionar certo mitologema grego, parte da lenda de Eros e Psique. Nela, Eros se apaixona por Psique, com quem se deitava todas as noites sem, contudo, deixar que ela o reconhecesse. As irmãs da bela jovem foram visitá-la em seu castelo e, corroidas de inveja, amedrontavam Psique para que ela revelasse a identidade de Eros. Ele a adverte inúmeras vezes, dizendo: “As bruxas traiçoeiras esforçam-se por te armar uma cilada e a pior armadilha é persuadir-te a contemplar meu rosto. Já te adverti muitas vezes de que nunca mais o verás, se o contemplares uma única vez”. (Brandão, 1987, p. 212).

Psique, porém, temerosa de que ele fosse um monstro-dragão que tentava enganá-la, levou uma lamparina e um punhal para ver o rosto de Eros e matá-lo enquanto dormia. Vendo que se tratava do deus-amor, Psique se arrebatou e esbarra nas flechas que a fazem ainda mais apaixonada. Em seu ímpeto, deixa cair sobre o ombro divino uma gota do óleo fervente da lamparina.

Eros desperta num sobressalto e, ao ver desvendado seu segredo, levantou vôo no mesmo instante; sem dizer uma só palavra, afastou-se rapidamente da esposa. [...] Enquanto Psiquê peregrinava, de cidade em cidade, em busca de Eros, este jazia no leito, gemendo de dor pela queimadura sofrida (Brandão, 1987, p. 214).

Nas experiências gays, semelhante padrão pode ser encontrado, o que não significa, como erroneamente se supõe, que haja a elaboração inconsciente de uma narrativa mítica inteira – o que ocorre é a emergência de núcleos temáticos semelhantes dentro das singularidades (Melo, 2019). Dentre a multiplicidade simbólica possibilitada por esse conto, está o fato de que quando o Amor é revelado para a Alma que o julga monstruoso, é ferido por ela, ira-se e precisa de tempo para se curar. Eros se vê fora de seu armário, revelado pelo desenrolar das fantasias sobre sua identidade.

É claro que essa imagem só se torna relevante para a compreensão da homossexualidade no contexto de sua própria revelação como categoria de identidade a partir do século XIX. Em sociedades que tomam a identidade homossexual como qualquer sorte de desvio, pessoas de sexualidades dissidentes passam a vivenciar o drama do Eros que precisa se esconder por desejar uma relação que parece ser proibida. Por isso, ferem-

se quando sua verdadeira natureza é revelada e, como na lenda, permanecem antes como o “Amor que não ousa dizer seu nome”¹.

A homossexualidade, no entanto, não é uma posição ligada ao armário senão pela repressão moral e social. Foi, antes de identidade, considerada por inúmeros povos e crenças como uma questão de preferência, para além da condenação. Para os gregos, constituía entre homens uma forma de amor educativa para a polis e estratégica para a guerra; para monges budistas japoneses tornou-se sagrada e para o povo dagara – habitante do que hoje são territórios de Gana e Burkina Faso – trata-se da existência de guardiões entre os mundos terreno e espiritual (Endsjø, 2014; Somé, 2007). Assim, Eros no armário não é um padrão que se percebe graças à homossexualidade, mas à homofobia.

Nesse sentido, o que o mitologema mostra é que, quando a Alma finalmente encontra o Amor e se envolve com sua qualidade divina/daimônica, isto é, com o poder irracional que a toma, desiste de matá-lo e se torna profundamente apaixonada por ele. Após sofrer as provações, a união da Alma com o Amor dá à luz o prazer, a bem-aventurança, personificada pelos gregos em Hedonê (López-Pedraza, 2010; Brandão, 1987). Essa imagem tem grande valor para a destruição do armário pelos sujeitos gays, uma vez que aponta para o reconhecimento de seu próprio erotismo como belo e frutífero de prazer. Por isto, o movimento de revelação, que tanto no mito quanto na experiência toma ares de uma tragédia, dá início, ao mesmo tempo, ao árduo processo de cura da dissociação entre alma e amor.

Na América Latina, onde a cultura é vivamente orientada pela moral cristã, o histórico de violências simbólicas com origem nas instituições religiosas torna o processo de reconhecimento do eros homossexual ainda mais difícil. A máxima “ama-se o pecador, abomina-se o pecado” torna-se a imagem cristã dessa dissociação, pela qual as igrejas alavancaram o fenômeno das “terapias” e retiros de “reversão da sexualidade” no Brasil. Para João Silvério Trevisan,

A insistência na “cura gay” é um fator de gozo aos que alimentam a fantasia curativa. E qual é essa fantasia? A de que muita gente possa ter um gozo não acessível aos que seguem a palavra de Deus. A inveja do gozo do outro já é, no fundo, uma maneira de experimentar o gozo (2018, p. 462).

Essa hipótese do horror/fascínio por um gozo proibido é geralmente considerada em casos de perseguidores obsessivos da homossexualidade, e frequentemente também no senso comum. É uma forma de imaginar, assim como a inveja do gozo e fortuna de Psique alimenta o boato de que Eros seja uma aberração. No entanto, é preciso cuidado para que essa fantasia não seja generalizada como rizoma do comportamento homofóbico, ou reduzida a um desejo reprimido de exercer a homossexualidade. Tal lógica transmuta um problema complexo e estrutural em uma economia de afetos particulares, não raro

1. Assim ficou conhecida a homossexualidade durante boa parte do século XX.

culpabilizando os próprios homossexuais pela violência que lhes é perpetrada, via de regra, por heterossexuais.

Borillo (2009) explica que, “apesar de sua ligação estreita, a homofobia individual (rejeição) e a homofobia social (supremacia heterossexual) podem funcionar distintamente” (p. 34), isto é, não é preciso que exista uma hostilidade pessoal contra a homossexualidade para que os efeitos homofóbicos se produzam. Pelo contrário, sujeitos homofóbicos podem ser simpáticos a nós, pois “os dados históricos e ideológicos delimitam o ambiente no qual as imagens a respeito da homossexualidade foram construídas” (Ibid., p. 34).

Por isto, a fantasia do gozo proibido e outras manifestações emocionais que nos obrigam ao armário são ambientadas por fatores como: a) as imagens surgidas e repostas no interior das culturas abraâmicas (judaica, cristã, islâmica), que revestem do divino autoritário aspectos relativos à diferença sexual (Mott, 2007); b) a gestão das aparências familiares sob a qual o modo de vida capitalista foi erigido, naturalizando uma diferença hetero-homo como necessária para a manutenção do poder em certos grupos (Freitas, 2018); c) a necessidade de eliminar corpos que transitam entre princípios considerados masculinos e femininos, isto é, que operam uma ruptura dos traços humanos/arquetípicos enrijecidos culturalmente que constituem a subjetividade homofóbica.

Neste sentido, protestar o fenômeno homofóbico atrelado às instituições religiosas é frequentemente visto como uma rivalidade ou ataque às suas essências, ao passo que se trata de revelar que a literalização dos símbolos provoca não só sua própria morte, como já apontou Jung (1976), mas a morte de sujeitos de sexualidades dissidentes, alvos de uma violência que torna o espaço da religião um usual instrumento ortopédico do armário. Como denunciou Sobonfu Somé, “a vida dos homossexuais no Ocidente é, de muitas formas, uma reação à pressão social que os rejeita” e, nesse contexto, “frequentemente gays e lésbicas são muito espirituais, mas estão afastados de sua conexão com o espírito” (2007, pp. 141-143).

SOCIALIZAÇÃO E SAÍDA DO ARMÁRIO

Na ideologia do silenciamento imposta pelo armário, trata-se da conexão com o si-mesmo que é ferida, muitas vezes de forma fatal. O Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQ+ no mundo, inclusive por suicídio, como mostraram as estatísticas do Grupo Gay da Bahia (2019)². A ocultação da sexualidade é amplamente reconhecida como fator agravante desse risco, que é de cinco a seis vezes maior que em heterossexuais (Hatzenbuehler, 2011). Por causa do armário, a recuperação do relacionamento com o Eros homossexual é, para muitos de nós, uma tarefa solitária e imaginada como socialmente destrutiva – e tanto mais se essa experiência for marcada pela raça (Veiga, 2018). Ora, se trabalhamos

2. O Grupo chegou a registrar 1 suicídio a cada 3 dias, aproximadamente, em 2018.

com um processo de individuação e com o atravessamento da fantasia no mundo, estes fenômenos devem ser de grande importância para a Psicologia Analítica.

No entanto, o que vemos mais frequentemente nesse campo são esforços teóricos para explicar a homossexualidade em termos de seu “desenvolvimento”. Ela já foi compreendida como causada por uma infantilização ligada ao complexo materno, ou como um tipo específico de identificação com a *anima*, ou mesmo atribuída ao Complexo de Édipo (cf. Girardello, 2010). Como apontou Maffesoli (2019), a noção de desenvolvimento é imaginada a partir de categorias como progresso, ordem e linearidade. É uma ideia própria da modernidade, o que elucida a razão pela qual a compreensão da homossexualidade, categoria formulada no seio dessa era, foi desde o início tomada como um objeto da investigação desenvolvimentista.

O que a experiência mostra, contudo, é que a sexualidade humana é um campo mais amplo do que o desenvolvimento pode descrever e prescrever, e que as diversas orientações sexuais são ricas em experiências próprias, que não são modificações ou derivações da experiência cis-heterossexual – tomada pela ciência como a norma. Na verdade, a variação de nossas fantasias no campo do amor e da sexualidade são interditas e confundidas pelo que é esperado na norma cis-hetero, e só podem ser melhor compreendidas ao nos apropriarmos da noção de individuação como algo que fura o vigor da norma coletiva, que não é linear e sim serpenteado, que circula em torno de si-mesmo no processo de ultrapassagem das fórmulas sociais que massificam a manifestação da individualidade (Jung, 1976; 1986).

As fórmulas que determinam o processo de socialização de pessoas LGBTQ+ são, nesse sentido, particularmente perversas, na medida em que desfiguram o sujeito para si próprio, impedindo toda possibilidade de desenvolvimento psíquico genuíno – que não pode haver sem que o indivíduo autorize sua própria existência. Por isto, para muitos de nós, sair do armário é um momento de autorização percebido como nosso verdadeiro nascimento ou, pelo menos, como nascer de novo. Esse marco revela uma maneira de socialização pela qual as identidades gays são marcadas não necessariamente por um *desenvolvimento* das potencialidades sexuais, mas por um processo arquetípico de *iniciação*, cuja característica não é progredir e construir, mas “fazer sair algo que já está lá”.

Isso explica porque muitos homens gays passam por uma espécie de adolescência tardia quando se revelam na maioridade, uma vez que esse período típico de desenvolvimento afetivo-sexual e experimentações do desejo é roubado de nós pela estrutura do armário, que nos submete a anos de isolamento e ameaça. Essa experiência tardia pode ser marcada por uma sensação de tempo perdido, que move o sujeito a tentar explorar livremente as potencialidades que lhe foram negadas.

Se romper com o armário é esse processo de passagem, há aí uma estrutura que permite analisar o artifício de revelação das identidades LGBTQ+. O antropólogo Arnold

van Genneep (2012) descreveu os rituais de passagem detalhando três processos que os constituem: ritos de separação, de margem e de agregação. Nos primeiros, separa-se o indivíduo de sua antiga estrutura social – como a família, a infância, a vida leiga, etc. Segue-se um processo de margem, que pode ser mais ou menos desenvolvido, marcado pela espera ou preparação para a agregação final. Esta, por fim, marca um novo local social para o indivíduo, inserindo-o em uma nova realidade – o casamento, a adultez, o exército de guerreiros, etc.

Para pessoas gays, o processo de iniciação na cultura como si próprios começa, em geral, sem o apoio de uma comunidade, privadamente, pela separação das estruturas de dominação opressivas que marcam cada sujeito. Esse processo implica um desligamento da identificação do Eu com essas estruturas, que podem ter imagem no desejo dos pais, na religião, na escola ou mercado de trabalho, etc. Pode haver atuações (*acting-out*) que externalizem esse momento ou, por outro lado, um isolamento social. Cabe ressaltar que esse processo de separação não implica, muitas vezes, uma automática aceitação da identidade gay, podendo antes se inaugurar pela constatação de que a condição homossexual é irremediável. Por esse processo, porém, abre-se a porta do armário para si mesmo, permitindo uma primeira diferenciação da vida heteronormativa.

Uma vez que essa separação enfim desenlaça o Eu da identificação com a persona heterossexual incitada pelas estruturas de origem, cabe ao sujeito se preparar para a revelação que inevitavelmente chegará, marcando publicamente seu pertencimento a um outro grupo. Esse período de margem pode variar de poucos meses a muitos anos, dado que as consequências da revelação como um Outro social são imprevisíveis e potencialmente catastróficas, necessitando preparação e fortalecimento. É a revelação da identidade gay que colocará fim a esse período, exortando a agregação do sujeito a uma nova estrutura existencial, cujos modos de viver e dispositivos culturais são diversos de sua experiência heterossocial anterior. Marcações no corpo como tatuagens, cortes de cabelo e mudança de indumentária podem acompanhar todo o processo iniciático, tornando efetivamente visível o processo de diferenciação do sujeito homossexual que se transporta a outro lugar social.

Com o avanço de nossas pautas, esse processo tem acontecido de maneira cada vez mais diluída e livre das tensões intransponíveis que o caracterizavam há vinte anos ou até menos. Em muitas relações, se não na maioria delas, assumir-se é uma cristalização de intuições ou percepções que já habitavam a fantasia dos interlocutores da pessoa gay. No entanto, talvez por isso deixamos de ver nessas relações o exercício de poder que se faz enquanto perdura a ocultação, a silenciosa cumplicidade do “assunto que não deve ser tocado”, ainda que, às vezes, a pessoa gay já tenha se assumido (Sedgwick, 2007). Mesmo intuindo, prefere-se não saber ou pelo menos adiar. Nesse sentido, sair do armário é um processo *permanente*: primeiro se faz para si mesmo, depois como revelação que

reposiciona o lugar social do sujeito e, por fim, como processo horizontal que continua a se repetir por toda a sua existência.

Ao mesmo tempo, a necessidade de revelação e heteroidentificação aponta para o estranhamento em torno desses sujeitos, que trazem consigo uma fissura nas estruturas imaginais da cultura. Por isso, o que o dispositivo do armário faz é colocar em dúvida se eu posso existir ou não na fantasia do meu interlocutor. Conseqüentemente,

cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. Mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante (Sedgwick, 2007, p. 22).

A depender do grau de ameaça dessas revelações, novas e diferentes personas podem se reestabelecer. Contudo, nenhuma pessoa gay pode controlar os múltiplos códigos pelos quais a informação sobre a identidade erótica pode ser transmitida. Por isso, recusar o controle e assumir plenamente essa identidade pode significar, para alguns interlocutores que recebem a informação, um ato que coloca a *e/les* no armário de sua própria comunidade conservadora (Sedgwick, 2007).

O interlocutor passa a experimentar e reconstruir o segredo erótico como algo ligado a si próprio, não raro a partir da fantasia de estar protegendo o sujeito gay das violências daquela comunidade/sociedade. Por isso, pais que se silenciam sobre a identidade gay de seus filhos por medo de que “aconteça algo lá fora” apenas reestruturam sobre eles a dinâmica do armário, que não os acolhe e protege – ao contrário, impele-os a se assumir de fato em outro lugar.

Nesse sentido, a destruição do armário frequentemente prospera com a entrada do sujeito gay em certa comunidade de pares, que visivelmente se destaca da comunidade heterossocial. As comunidades LGBTQ+, tão diversas em expressões de gênero e modos relacionais, têm uma vital função de acolhimento do processo do novo iniciado. Embora possam reproduzir estereótipos e violências uns sobre os outros, são esses pares que vão efetivamente transmitir uma cultura gay, lésbica, bi, trans, etc. na qual o sujeito se abre para exercer sua identidade. Ao estar com outras LGBTQ+, descortinam-se fantasias que criam, de fato, outras realidades. Por isto, muitos de nós têm a sensação de viver em dois mundos diferentes, que dizem não apenas sobre com quem é permitido se deitar, mas de que formas se relacionar, como se comportar e expressar, que coisas são consideradas belas ou importantes, enfim, dois (ou mais) projetos de vida social.

Essa vida dupla, embora possa fornecer sensações de segurança a princípio, demandará eventualmente uma integração dos aspectos dissociados que perpetuam a

vivência de não-pertencimento e marginalidade. Deve-se tomar esse processo, contudo, como uma possibilidade de desestruturação do armário erótico, pois corre-se o risco de confundirmos integração com assimilação – esta que nos convida a necessariamente performar modelos heterossexuais a partir do perigo do não-pertencimento. Aqui, tanto individual quanto coletivamente, trata-se de incentivar a dimensão política da imaginação, a qual pressupõe entrar em contato com nossas próprias fantasias à luz das situações de opressão (cf. Watkins, 2013).

Quando produzimos fissuras na heteronormatividade, somos chamados de volta para dentro dela, pois adaptar-se é uma necessidade humana. Contudo, como ensina a psicologia analítica, a verdadeira transformação só se faz ao deixar a adaptação massificada para viver uma ética individuada, em diálogo com as exigências da fantasia. Por isto, uma consciência crítica que recebe a fantasia é, em todo sentido, um potencial modo de romper com a dinâmica de opressão que nos coloca não só como vítimas, mas também como perpetuadores de uma homofobia internalizada entre nós.

RETORNOS DO ARMÁRIO ENTRE NÓS

Mesmo entre aqueles que se entendem como gays, existem diversas homossexualidades, o que vem confluindo com a decaída dos papéis tradicionais de gênero, a exploração das performances sexuais e a multiplicidade de identidades e tribos característica da pós-modernidade (Trevisan, 2018; Maffesoli, 2019). Assim, a experiência homossexual de uma gay *barbie* toca similaridades e diferenças importantes com a de uma bicha *poc*³, graças a marcadores como performance de gênero, percepção de conformidade à cisgeneridade, raça e sorologia.

Por isto, é preciso reconhecer os atravessamentos de outras fantasias que constituem a experiência e as relações gays. Para um homem gay negro, o armário é encoberto pelo duplo apagamento social de sua existência, de modo que essas bichas são frequentemente rejeitadas afetivamente a partir da fantasia branca que transforma o erótico em exótico. Essa operação reposiciona seu lugar na economia do desejo da comunidade gay, de modo que a estrutura social racista introjeta diferentes camadas de auto-ódio à estrutura do armário. Assim, “a sensação de não ter lugar, de não pertencimento, própria da experiência diaspórica, comparece também no campo do amor” (Veiga, 2018, p. 85).

Outras experiências homossexuais, como a de gays transgênero ou vivendo com infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), criam ainda um novo armário no seio da própria comunidade, cuja premissa era destruir a estrutura ansiogênica da revelação. No

3. Nomes que dizem respeito ao dialeto criado por travestis na cultura LGBTQ+, chamado de pajubá ou bajubá. Aqui, trata-se de um gay musculoso, geralmente branco e de performance pouco feminina (*barbie*), em contraste com um gay feminino, geralmente periférico e que não é “passável” (*poc*).

caso dos primeiros, essa estrutura pode se refazer pela revelação de seu corpo como imagem de si, que pode ou não existir na fantasia do outro. Por isso mesmo, os homens trans não estão no corpo errado, mas talvez na cultura errada que, em sua fantasia binária, precisa mudar (Pollack, 1995). Já no caso dos últimos, o medo da revelação é levado adiante por complexos culturalmente inflamados a partir do trauma coletivo da epidemia de AIDS na década de 1980.

Por mais que se tenha trabalhado para mostrar a incidência universal das ISTs em termos de identidade, para diferenciar infecção de doença e retirar o estigma de “impuros” ou “contaminadores” dos homens gays, seguimos enredados em narrativas fantasmas – para usar a noção de Samuel Kimbles (2014) – que nos prendem aos armários, mais uma vez reduzindo nossas identidades a um estereótipo. Aqui, como em qualquer outro armário gay, o medo da rejeição e uma negatividade da potência erótica são fatores que aprisionam.

O que pretendo destacar da complexidade dessas experiências é a maneira como as fantasias do armário são formuladas, mesmo entre nós, como expressões de uma posição que despreza tudo que se revele como a face de Eros, relegando-o à sombra. O erótico, como toda expressão psicológica desse princípio relacional, conectivo, criativo e imprevisível, torna-se aprisionado na socialização patriarcal para abrir espaço a um masculino duro, categorizador e dominador como estruturante da cultura eurocêntrica. Como explica Audre Lorde,

Para se perpetuar, toda opressão precisa corromper ou deturpar as várias fontes de poder na cultura do oprimido que podem fornecer a energia necessária à mudança. No caso das mulheres, isso significou a supressão do erótico como fonte considerável de poder e de informação ao longo de nossas vidas (1978/2019, p. 66).

No caso dos homens gays, a estratégia de supressão do erótico também é verdadeira. Desde a mais tenra infância, expurgam-no de nossos corpos, a começar pela ortopedia dos “trejeitos femininos”. O direcionamento afetivo a um homem é impedido, torna-se motivo de piada, e a amizade com mulheres é motivo de suspeição. Beijar e sentir tesão tornam-se proibidos. Não há personagens modelo na grande mídia e, quando há, são reduzidos unilateralmente à sexualidade ou ao alívio cômico. A partir da socialização masculina, não apenas o feminino é reprimido, mas o erótico como um todo se torna plastificado, confuso e usado contra nós. “Por esta razão, é comum nos recusarmos a explorar o erótico e considerá-lo como uma fonte de poder e informação, confundindo-o com seu oposto, o pornográfico” (Lorde, 1978/2019, p. 66).

O pornográfico privilegia a sensação sobre o sentimento, a performance sobre a vulnerabilidade da revelação. Por isto, o armário estruturado pela homofobia incute uma visão reducionista da homossexualidade, a partir da qual não exploramos o potencial de Eros em nós mesmos. Nesse sentido, a confusão entre erótico e pornográfico aparece,

para muitos homens gays, a partir de uma vivência afetiva limitada à satisfação sexual.

Em decorrência dessa perspectiva psicológica, ancorada de maneira clara na homofobia internalizada, se estabelece uma hipervalorização da função sexual em detrimento de outros aspectos da energia erótica. Desde muito cedo aprendemos que o verdadeiro amor só se dá entre um homem e uma mulher, e também que se deve separar o afeto da intimidade amorosa da atividade sexual. Cindimos nosso Eros e o deslocamos para um sexo quase sempre desprovido de alma (Borges, 2013, p. 97).

Aqui, o problema não está na vivência da sexualidade livre e casual, mas naquelas situações em que se é incapaz de encontrar, dentro ou fora da casualidade, possibilidades de viver o erótico. Nessa acepção, a noção estereotipada de que “gays não querem nada sério” ou de que somos “individualistas” e “competitivos uns com os outros” aparecem como expressões culturais de um ponto de entrave do erótico, que precisa ser superado relacionando-se de outras maneiras, ampliando possibilidades de se imaginar, recuperando outros usos do Eros. O estereótipo é imagem e, como afirmou Hillman (2019), imagem solidificada na qual a sedução da classificação vai além de nossa capacidade de tornar o mundo mais equânime.

Por isso, embora a redescoberta do erótico precise ser feita de maneira singular, seria incoerente dizer que o problema de sua solidificação se resolverá apenas individualmente. É preciso que Eros circule no mundo, fora dos armários e que, portanto, nós os derrubemos. Não se trata aqui apenas do direito ao amor, mas antes do direito de existir – pois o erótico se fere no corpo, nos nossos ombros queimados com lâmpadas. A socialização heteronormativa atua para nós dizendo: “por essa supressão, você pode sobreviver”. Mas essa assertiva é tão ilusória quanto perigosa, pois o silenciamento dos armários de nada nos protege.

Pelo contrário, o erótico sombrio evoca nosso medo, “o medo do desprezo, da censura ou de algum julgamento, do reconhecimento, do desafio, da aniquilação. Mas acima de tudo, penso que tememos a visibilidade sem a qual não vivemos verdadeiramente” (Lorde, 1977/2019, p. 51). Visíveis, curamos as feridas de um despertar cheio de perigos, fazemos circular aquilo que foi silenciado em nós. Inevitavelmente, nos depararemos com tantas outras experiências de retorno do armário, que escaparam a esse ensaio e se fazem na singularidade das muitas formas de se tornar visível. Espero, porém, que essas notas pontuem algumas chaves para se abrir a tais formas, para mudar a conversa, para transformar a visibilidade em cotidiano.

REFERÊNCIAS

Borges, K. (2013). **Muito além do arco-íris – amor, sexo e relacionamentos na terapia homoafetiva**. São Paulo: GLS.

Borrillo, D. (2009). A homofobia. In: Lionço & Diniz. **Homofobia e Educação**. Brasília: LetrasLivres.

Brandão, J. S. (1987). **Mitologia Grega – vol. II**. Petrópolis: Vozes.

Endsjø, D. Ø. (2014). **Sexo e religião – do baile de virgens ao sexo sagrado homossexual**. 1ª ed. São Paulo: Geração.

Freitas, L. R. (2018). **Da homofobia sem homofóbicos à criminalização contra a comunidade LGBT: opressões que atravessam o livre exercício da sexualidade**. Ouro Preto: UFOP.

Girardello, R. (2010). **Ganimedes esquecido: reflexões sobre a homossexualidade em Psicologia Analítica**. Curitiba: PUC-PR.

Grupo Gay da Bahia (2019). **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil: Relatório 2018**. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbt/> (acesso em ago. 2020).

Hatzenbuehler, M. (2011). The Social Environment and Suicide Attempts in Lesbian, Gay, and Bisexual Youth. **Pediatrics**, 127 (5), 896–903.

Hillman, J. (2019). **From Types to Images**. Uniform Edition, vol. 4. Thompson: Spring Publications.

Jung, C. G. (1976). **Tipos Psicológicos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar.

Jung, C. G. (1986). **Memórias, Sonhos, Reflexões**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Jung, C. G. (2011). Contribuição à psicologia do boato. In: **Freud e a Psicanálise**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes.

Kimbles, S. (2014). **Phantom narratives: the unseen contributions of culture to psyche**. Londres: Roman & Littlefield.

López-Pedraza, R. (2010). **Sobre Eros e Psiquê: um conto de Apuleio**. Petrópolis: Vozes.

Lorde, A. (1977/2019). A transformação do silêncio em linguagem e ação. In: **Irmã Outsider**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica.

Lorde, A. (1978/2019). Usos do erótico: o erótico como poder. In: **Irmã Outsider**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica.

Maffesoli, M. (2019). Carl Gustav Jung e a Pós-Modernidade: da ultrapassagem hegeliana (*aufhebung*) à integração junguiana. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, 14(4), 1-8.

Melo, W. (2019). O Grupo Caminhos Junguianos como uma experiência de pesquisa e ensino-aprendizagem em Psicologia Analítica. In: Kyrillos Neto & Melo. **Psicologia e Subjetividade: fundamentos conceituais e métodos de pesquisa**. Belo Horizonte: EdUEMG.

Mott, L. (2007). Homofobia: uma praga cristã. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, 18 (2), 443-454.

Pollack, R. (1995). Aphrodite: Transexual goddess of passion. **Spring Journal: Archetypal Sex**, nº 57.

Sedgwick, E. K. (2007). Epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, 28, 19-54.

Somé, S. (2007). **O espírito da intimidade – ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. São Paulo: Odisseus.

Trevisan, J. S. (2018). **Devassos no paraíso – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4ª ed. (versão digital). Rio de Janeiro: Objetiva.

Van Gennep, A. (2012). **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes.

Veiga, L. (2018). As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. **Revista Tabuleiro de Letras**, 12 (1), 78-88.

Watkins, M. (2013). Hillman e Freire: acompanhamento intelectual por dois pais. **Cadernos Junguianos**, 9, 65-85.

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE